

O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas

The hijacking of football stadiums: the symbolic dimension of the new arenas and the transnational fans turn to antifascists

El secuestro de estadios de fútbol: la dimensión simbólica de los nuevos estadios y el giro antifascista transnacional de los hinchos

Caio Lucas Morais Pinheiro*

<https://orcid.org/0000-0001-9176-8637>

RESUMO: O presente artigo examina os valores e os sentidos atribuídos por torcedores aos estádios de futebol diante dos embates em torno das novas arenas multiuso. A partir da experiência da Arena Castelão, localizada na cidade de Fortaleza, investigamos como os estádios de futebol se alicerçam enquanto bens culturais representativos de uma coletividade que ganham valor de patrimônio. À vista disso, o processo de arenização, ao atender as demandas de mercado e da lógica capitalista de produção do lucro no espaço futebolístico, provocou controvérsias e reações de diferentes agrupamentos coletivos de torcedores. Como sintoma e efeito das transformações hipermercantilizadas, este artigo avalia a emergência das torcidas antifascistas no século XXI em um quadro histórico mais amplo dos modelos coletivos do torcer, expressados por meio da metáfora do movimento primeira, segunda, terceira e quarta ondas. Dessa maneira, utilizando narrativas, imagens e periódicos como fontes históricas, sugerimos entender o processo de arenização como uma tentativa de sequestro dos mais genuínos valores, comportamentos, expressões e da referência cultural que os estádios de futebol adquiriram. Ao investigar um modelo importado sem a interlocução com torcedores, este estudo procura delinear como o reordenamento das novas arenas multiuso revela um descompasso com a simbologia do valor patrimonial dos estádios à revelia das experiências de torcedores.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor substituto do curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC). Autor da tese intitulada “As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS), e da obra “A profissionalização do futebol cearense: história e memória”. E-mail: caiolucasmorais@gmail.com.

Palavras-chave: Arenização. Torcidas organizadas. Torcidas antifascistas. Insurreição clubística.

ABSTRACT: This article examines the values and meanings attributed by fans to football stadiums in the face of the clashes surrounding the new multipurpose arenas. Based on the experience of Arena Castelão, located in the city of Fortaleza, we investigated how football stadiums are founded as cultural assets that represent a community that gains heritage value. In view of this, the arena process, by meeting the demands of the market and the capitalist logic of producing a profit in the football space, provoked controversies and reactions from different collective groups of fans. As a symptom and effect of hyper-mechanized transformations, this article assesses the emergence of anti-fascist fans in the 21st century in a broader historical framework of the collective models of cheering, expressed through the metaphor of the first, second, third and fourth waves. In this way, using narratives, images and periodicals as historical sources, we suggest understanding the arena process as an attempt to kidnap the most genuine values, behaviors, expressions and cultural reference that the football stadiums acquired. As an imported model without interlocution with fans, this article seeks to outline how the reorganization of the news stadiums reveal a mismatch with the symbolism of the patrimonial value of stadiums in spite of the experiences of fans.

Keywords: New football stadium. Organized fans. Antifascist fans. Club insurrection.

RESUMEN: Este artículo examina los valores y significados atribuidos por los fanáticos a los estadios de fútbol frente a los enfrentamientos que rodean las nuevas arenas de usos múltiples. Con base en la experiencia de Arena Castelão, ubicada en la ciudad de Fortaleza, investigamos como activos culturales que representan una comunidad que gana valor patrimonial. En vista de esto, el proceso de arenización, al satisfacer las demandas del mercado y la lógica capitalista de producir ganancias en el espacio futbolístico, provocó controversias y reacciones de diferentes grupos colectivos de fanáticos. Como síntoma y efecto de las transformaciones hipermecantilizadas, este artículo evalúa la aparición de fanáticos antifascistas en el siglo XXI en un marco histórico más amplio de los modelos colectivos de fanáticos, expresados a través de la metáfora de la primera, segunda, tercera y cuarta oleadas. De esta manera, utilizando narrativas, imágenes y publicaciones periódicas como fuentes históricas, sugerimos entender el proceso de arenización como un intento de secuestrar los valores, comportamientos, expresiones y referencias culturales más genuinos que adquirieron los estadios de fútbol. Como un modelo importado sin interlocución con los fanáticos, este artículo busca describir como la reorganización de las nuevas arenas multipropósito revela una falta de coincidencia con el valor patrimonial de los estadios a pesar de las experiencias de los fanáticos.

Palabras clave: Nuevos estadios de fútbol. Aficionados organizados. Aficionados antifascistas. Insurrección del club.

Como citar este artigo:

Pinheiro, Caio Lucas Morais. “O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas”. *Locus: Revista de História*, 27, n.1 (2021): 338-364.

Introdução

Em que pese a apropriação das manifestações esportivas para fins comerciais e políticos, sobretudo aquelas que mobilizam a economia de vários continentes – Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, os impactos legados pelos megaeventos provocam significativas controvérsias. Ampliados a nível global, os embates em torno da remodelação dos estádios de futebol em novas arenas multiuso implicam não só nas sociabilidades torcedoras, mas também na dimensão simbólica do valor de patrimônio desses lugares para esses sujeitos sociais.

Ao fabricar torcedores, a edificação dos estádios de futebol produz novos sentidos para as experiências dos torcedores, funcionando direta e indiretamente como uma usina de corpos, comportamentos, emoções e interações. Contudo, entendemos também que as torcidas fabricam estádios ao agenciar suas práticas e ao acionar uma memória compartilhada em diferentes contextos. Na esteira dessa dinâmica de ação e de reação, há tensionamentos envolvendo, de um lado, a estrutura e o projeto de estádio que atendem ao interesse de determinados grupos socioeconômicos e, por outro lado, a apropriação e o uso desse espaço pelos torcedores organizados. Interessa-nos, pois, esboçar os desdobramentos do processo de arenização de um futebol como marca do *soft power* cada vez mais globalizado. Para isso, avaliamos a conformação da Arena Castelão, na cidade de Fortaleza, e a emergência de um novo modelo coletivo do torcer – compreendido como um sintoma dessa nova economia do futebol – expressado pelas torcidas antifascistas, que se articulam em redes transnacionais.

Por sua vez, os espaços ocupados pelo universo de torcedores no futebol foram apreendidos, nas últimas décadas, como um recurso imerso em um circuito de mercadorias do capital. De modo geral, essa ressignificação da arquitetura dos estádios, que lhes imputa o caráter de novas arenas multiuso, ocorreu à revelia da referência cultural que estes lugares possuem para aqueles que atribuem sentidos, valores e, majoritariamente, experimentam estes espaços, os torcedores.

A possibilidade de questionar o valor cultural como algo que não é natural, intrínseco às coisas e que é composto, de acordo com o historiador Ulpiano de Meneses (2009), de valores

cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos, lança luz sobre os diferentes sentidos e itinerários que o patrimônio historicamente foi apropriado. Dessa forma, as variadas caracterizações do patrimônio enquanto histórico, material, imaterial, móvel, imóvel, tangível, intangível, genético, paisagístico, etc., sugerem como a ressemantização do conceito patrimônio é sinalizadora e produto das concepções de tempo, dos sentidos políticos, das lembranças e esquecimentos dos sujeitos históricos.

Por conseguinte, desde a noção que implica em herança, de algo recebido, referindo-se à transmissão dos bens da família, até noção contemporânea, que incorpora o debate sobre as gerações futuras, evidencia-se como a terminologia patrimônio consiste em uma construção social. Assim, os bens culturais que ganham valor de patrimônio representativo de uma coletividade estão associados a tudo o que é dito e feito acerca deles.

À vista disso, este artigo procura esboçar os valores e os sentidos atribuídos por organizações coletivas de torcedores aos espaços dos estádios em meio ao processo que definimos como arenização, pautado, de um lado, pela reestruturação de antigos estádios públicos em novas arenas multiuso e, por outro lado, na ausência de interlocução com os atores sociais. Argumentamos que essa reconfiguração, ao atender as demandas econômicas do capital, marginaliza experiências e significados conformados pelos torcedores nos espaços populares dos estádios enquanto referências culturais.

Nesse sentido, decorre a necessidade de (re)pensar os estádios de futebol não só como um lugar e um espaço de recursos provenientes do consumo, mas também como um ponto no tempo que, ao ser valorado como patrimônio, sinaliza muitas vivências e culturas do passado não dissociadas de um futuro em construção, em conformidade com os apontamentos dos historiadores Nogueira e Ramos Filhos (2020, 06): “O olhar carregado de suspeitas que é lançado, para além da simples nostalgia, significa interrogá-los em prol de um passado e um futuro sempre em construção, de modo justo, democrático e ético”.

Considerando estes elementos, portanto, proponho delinear as transformações do futebol e das torcidas em um quadro histórico mais amplo, de modo que compreendamos as nuances dos modelos coletivos do torcer nos estádios em cada contexto. Nessa perspectiva, esse recuo temporal é fundamental para trazer à tona o que denominamos como *guinada antifascista* das torcidas no século XXI, que implica em um sintoma da hipermercantilização e da modernização do futebol¹,

¹ O repertório de medidas e de mecanismos que paulatinamente intensificaram a lógica empresarial e da mercadoria no futebol. Trata-se, ao fim e ao cabo, das transformações econômicas, sociais, culturais, organizacionais. Voltarei a tratar desse assunto no tópico seguinte.

acentuadas nas últimas décadas no Brasil, particularmente desde o final da década de 1990. De forma breve, articulamos um ponto de contato entre a arenização e a reação a esse processo advinda de torcidas organizadas e agrupamentos antifascistas.

Dessa maneira, entendemos a emergência de coletivos e de agrupamentos torcedores antifascistas como um movimento de quarta onda da história das torcidas, que instituem redes transnacionais de cooperação e de solidariedade com outros grupos antifascistas espalhados em vários países. Vale ressaltar ainda que a terminologia e a metáfora do movimento das ondas utilizadas serão refletidas em paralelo ao debate da inserção das torcidas em um quadro histórico geral esboçado no decorrer do texto.

Isto posto, este artigo está dividido em quatro momentos. A primeira parte lança luz sobre o processo de arenização dos estádios no Brasil, motivado especialmente pelo circuito de Megaeventos Esportivos, cujas sedes nas principais cidades do país acolheram, os Jogos Pan-americanos, a Copa das Confederações, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro entre 2006 e 2016². Por sua vez, essa reconfiguração dos estádios será discutida no segundo momento do texto a partir do caso da Arena Castelão, na cidade de Fortaleza, problematizada por meio da série de reportagens denominada ‘De torcedor a consumidor’, publicada pelo Jornal Diário do Nordeste.

Nesse seguimento, na terceira parte analisamos os movimentos de ondas da história das torcidas e a emergência das torcidas antifascistas. Ao historicizar o fenômeno das torcidas, busca-se refletir, no último momento deste artigo, sobre a conformação de agrupamentos que politizam, sob o ponto de vista de esquerda, os espaços futebolísticos no Brasil. Consideramos trazer à tona a experiência de uma torcida específica, a Ultras Resistência Coral (URC)³, do Ferroviário Atlético Clube (FAC)⁴, argumentando que a sua criação, em 2005, consiste em uma sintoma desse processo de modernização e da tentativa de elitizar o futebol⁵.

² Há importantes investigações sobre o legado, os efeitos das novas arenas e a modernização do futebol. Para mais informações, conferir Toledo (2013), Lopes e Hollanda (2018), Hollanda (2017; 2019), Curi (2013), Oliveira Júnior (2017), Damo (2005; 2014; 2019), Helal e Santos (2016).

³ A torcida Ultras Resistência Coral foi criada em julho de 2005 por um grupo de torcedores do Ferroviário que, de um lado, procuravam ‘resgatar’ a origem operária do clube e, por outro lado, apresentar a política defendida pelo coletivo, que se contrapõe ao fascismo, violência, machismo, racismo, homofobia, xenofobia, fascismo. Mediante os tensionamentos erigidos nas relações de poder historicamente instituídas no futebol, analisamos a trajetória desse agrupamento em outro estudo. Para mais informações conferir Pinheiro (2020).

⁴ O Ferroviário Atlético Clube (FAC), fundado em maio de 1933, é um clube localizado na cidade de Fortaleza (CE), reconhecido popularmente como clube dos trabalhadores em alusão à atuação de funcionários da Rede Ferroviária Federal (REFFSA) na fundação do clube.

⁵ É necessário enfatizar que as narrativas elaboradas pelos integrantes da torcida foram transcritas tal como desenvolvidas por esses sujeitos, o que sugere que eventuais erros gramaticais e vícios de linguagem não desqualificam as subjetividades e as informações dos depoimentos.

As considerações finais, ao esboçar as tramas entre os estádios de futebol, as referências culturais e o patrimônio, procuram amarrar as ideias desenvolvidas durante o texto e redimensionar os sentidos elaborados pelas torcidas na relação com o lugar-tempo que ocupam, embora não pretendendo encerrar o debate em torno da dinâmica entre patrimônio, torcidas e antifascismo de agrupamentos emaranhados internacionalmente.

Ao fim e ao cabo, ao garimpar e dissecar as condições sociais de produção das fontes históricas - particularmente periódicos, narrativas de integrantes de torcidas e imagens, instigamos o debate acerca do caráter plástico e das metamorfoses da memória, do ato de forjar identidades e do valor de patrimônio. Para tanto, questionamos: que estádios os torcedores irão deixar para o futuro? Espaços em que podem se manifestar e desfrutar de sua potência política coletiva ou, do contrário, arenas multiuso resultadas de uma sociedade capitalista produtora de passados?

O que há de memória nos estádios de futebol? A emergência das novas arenas

A palavra moderno tem uma carga semântica positiva, associada em geral a ideia de avanço ou de progresso. Recorrentemente utilizada nas fontes trabalhadas, a palavra foi apropriada a partir da categoria futebol moderno, terminologia que admite diferentes usos e sentidos pelos segmentos dos diversos espaços futebolísticos. Nesse sentido, a expressão Futebol Moderno designa as transformações econômicas, culturais, sociais, arquitetônicas e organizacionais resultadas do processo de mercantilização do futebol em curso no Brasil, porém mais visíveis desde o final do século XX e nos vinte primeiros anos do século XXI.

Na atualidade, o futebol tem um alcance global que sinaliza para a “indústria do entretenimento” e para a “cultura de massa” um valioso espetáculo e suporte na inserção da lógica do lucro. A partir do futebol, uma série de produtos é comercializada, variando dos direitos de imagem de transmissão de jogos a produtos domésticos. Apesar de que a mobilização do público tenha acontecido desde a inserção do futebol nas primeiras décadas do século XX, a sua massificação e a entrada no circuito da égide empresarial e da mercadoria ocorreram no pós Segunda Guerra Mundial.

Conforme apontam Ronaldo Helal e Irlan Santos (2016), há quatro marcos históricos que contribuem para a reconfiguração do futebol que o tornou um meganegócio. As implicações dessas mutações se reverberam no processo de arenização dos antigos Estádios Públicos no Brasil, ficando evidente com a construção de quatorze novas arenas, sendo doze delas associadas diretamente à Copa do Mundo da FIFA de 2014.

O primeiro, como observa Critcher (1979), se dá no pós-guerra na Europa, e mais contundentemente nos anos 1960, a partir da formação de uma sociedade do consumo e da concorrência entre diferentes indústrias culturais e do entretenimento, se notará uma nova forma de condução do futebol enquanto negócio por uma nova geração de dirigentes atrelados ao mundo corporativo, muito influenciado por uma americanização da cultura global. (...) O segundo momento destacável é a entrada de João Havelange na presidência da FIFA, em 1974, inaugurando uma sofisticação sem precedentes do futebol enquanto negócio, a partir da articulação com grandes empresas globais, no gancho da crescente tecnologia de transmissão de imagens via satélite. (...) O terceiro momento é a tragédia de Hillsborough, em 1989, na Inglaterra. A superlotação do estádio do Sheffield gerou 96 mortes e centenas de feridos entre os torcedores do Liverpool. O clube era o mais popular do país e muito famoso pelos seus hooligans, sendo sistematicamente perseguido pelo governo inglês, que desconsiderou as causas reais do acidente, além da negligência das forças policiais que pouco fizeram para evitá-la. (...) Por fim, o quarto momento fundamental para entender a transformação dos estádios nas últimas décadas é a adoção do conceito de arenas multiuso pela FIFA e pela UEFA a nível mundial, passando a exigir dos países-sede da Copa do Mundo e da Eurocopa tal modelo como condição básica de realização para absolutamente todas as partidas (Helal e Santos 2016, 59-60).

O quadro histórico das transformações no futebol, marcado por esses quatro momentos, lança luz sobre a produção de novos sentidos nos diversos espaços futebolísticos, dos dirigentes aos torcedores. Nessa perspectiva, a inserção do esporte no circuito da mercadoria produz novos espaços a partir do conceito das arenas multiuso ao passo em que, simultaneamente, implica em novos engajamentos do torcedor com o clube, especialmente vinculados ao consumo, o torcedor consumidor, ou aqueles que podem se associar emocionalmente à distância ao time, uma vez que as transmissões de campeonatos europeus pela televisão, por exemplo, abrem caminhos para forjar certos tipos de identidade.

Por conseguinte, essa reconfiguração ocorre por meio da imposição arbitrária de um novo modelo de estádio, importado, em detrimento dos antigos estádios de massa que ampliavam a potência coletiva das torcidas e suas apropriações. Nesse sentido, de acordo com o geógrafo David Harvey (2005), que define, por meio da expressão *economias da despossessão*, a relação entre o capital financeiro e a produção do urbano que radicaliza as desigualdades sociais, restringindo o direito à cidade. Podemos entender que o processo de *arenização* constitui um dos efeitos da acumulação de riqueza centrada na inversão de capitais excedentes na urbanização, desapropriando determinados grupos sociais das suas experiências, do seu patrimônio.

Em contrapartida, as sociabilidades das torcidas organizadas não constituem o grupo e o setor mais favoráveis para o consumo dos recursos das arenas multiusos. Um dos desdobramentos desse descompasso entre a arenização e os valores atribuídos pelas torcidas - que contrasta com a modulação de um comportamento torcedor e a imposição de um novo espaço - consiste nas sucessivas tentativas de criminalização das torcidas organizadas.

O processo de reforma dos estádios almeja trocar a figura do “torcedor” (emocional, intenso, excitado, agressivo, viril) pelo “consumidor”, geralmente de média ou alta renda, mais sereno, que aporta nos estádios em família, disposto a assistir passiva e confortavelmente a um “espetáculo”

repleto de “astros” midiáticos. O torcedor, ao contrário, sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça e se articula coletivamente com estranhos. Ele quer ser protagonista do evento, ao qual contribuiu com sofrido dinheiro e paixão fiel ao seu clube. O consumidor, solitário ou imerso em seu pequeno e “fechado” grupo, contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário. Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo (Mascarenhas 2014, 32).

No entanto, não só no Brasil mas também na Europa, as associações coletivas do torcer, ao mobilizarem contra o que se convencionou definir como Futebol Moderno, opõem-se e resistem a esse fenômeno da modernização do futebol, disseminando discursos e símbolos, particularmente através da campanha “Contra o futebol moderno/ *Against modern football*”. Segundo Dino Numerato (2014), desde o pós Segunda Guerra Mundial, com o aumento dos valores das transferências de jogadores, a profissionalização dessas transações econômicas e os novos significados entre clubes e torcedores na Europa, ensejaram-se disputas ao que se convencionou definir como futebol moderno.

Contudo, apenas nos anos 1970 a reação a esse fenômeno se fortaleceu a partir da produção de *fanzines* pelos torcedores - revistas de torcedores que continham diversos assuntos relacionados ao esporte, à sociedade e principalmente à cultura *punk* - consolidando paulatinamente uma cultura contestatória, o que motivou, de acordo com Richard Giulianotti (2010), a fundação de diversos coletivos de torcedores nas décadas seguintes.

The first expressions of supporters’ discontent with the so-called “modern” development of football occurred in the post-war period as a response to the increasing professionalization of the transfer market and increasing bourgeois engagement with football. These processes disrupted the traditional relationships between clubs’ management and supporters who reclaimed the lost subcultural control over decision-making processes (Taylor 1971a; Taylor 1971b). The opposition against the so-called modernization of football has been more frequently captured by scholarship since the late 90s (Numerato 2014, 03).

Dino Numerato (2014) sugere, então, que os primeiros descontentamentos dos torcedores foram resultados do desenvolvimento e da profissionalização do mercado de transferências dos jogadores, que romperam com as relações tradicionais na vida associativa em torno do clube. Entretanto, a partir da década de 1990 foi crescendo uma oposição à modernização de maneira mais frequente e incisiva.

Nesse sentido, as relações de poder no futebol foram recrudescendo com a intensificação da lógica hipermercantilizada que modela um novo padrão de ser torcedor, sobretudo a partir do caso inglês dos *Hooligans*, e da política de restrição ao *hooliganismo* da Margareth Thatcher imposta aos estádios de futebol na década de 1980 através do Relatório Taylor.

Em janeiro de 1990, um fato mudou significativamente a organização do espetáculo futebolístico e as condições estruturais dos estádios britânicos: a publicação do Relatório Taylor. Este analisou as causas e as consequências de tragédias coletivas em estádios, incêndios, superlotação, confrontos entre torcedores adversários, como a de Hillsborough, em Sheffield, que vitimou 96 torcedores no

ano de 1989, e fez uma série de recomendações para a ampliação da segurança e proteção do torcedor. A primeira medida adotada por todos os clubes foi a retirada dos alambrados em torno das arquibancadas, que representou o começo do “estádio pós-moderno” no Reino Unido, caracterizado pelo aumento do controle panóptico das autoridades do futebol sobre os torcedores. Outra medida adotada foi a colocação de assentos em todos os setores, com a extinção das antigas gerais (terraces), locais de livre circulação de torcedores, situados atrás dos gols, que usualmente assistiam às partidas em pé (Giulianotti 2002 apud Hollanda, e Lopes 2018a, 161).

Desde as transformações recomendadas pelo Relatório Taylor, o controle do futebol, estádios e torcedores replica no processo de reconfiguração dos estádios e do torcer. Concomitantemente, possibilitou reações a essas imposições por meio da emergência de novos agrupamentos de torcedores contrários à maneira pela qual o esporte estava sendo gestado, bem como a adesão, por parte das torcidas organizadas, da campanha contra o futebol moderno. Criado nos anos 1970 e difundido como *slogan* “*Against modern football*” nos anos 1990, as torcidas ultras na Europa, particularmente os torcedores da *Associazione Sportiva Roma* da Itália, influenciaram e mobilizaram coletivos e torcidas organizadas com apropriações e usos diversos.

No Brasil, esse processo, ressaltando as particularidades do país e das diversidades regionais, foi construído em paralelo à lógica nacional e internacional de transformação dos estádios em arenas e da intensificação do exercício do Estatuto do Torcedor⁶, especialmente com o circuito dos megaeventos esportivos entre 2006 e 2016 no país. Assim, na medida em que esse reordenamento se materializa a partir da imposição de um modelo de estádio importado, engessado e que limita a apropriação coletiva e os significados atribuídos anteriormente pelos torcedores, respostas contrárias a essas transformações foram protagonizadas, tendo em vista o direito à cidade que atravessa essas subjetividades.

Dito isso, o termo arenização remonta ao reordenamento dos estádios no Brasil para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, mesmo que esse fenômeno tenha se iniciado ainda nos anos 1990, na Arena da Baixada⁷, em Curitiba. Este processo de arenização dos estádios de massas tradicionalmente públicos consistiu também na mudança radical da experiência do torcer, tendo em vista que o padrão dos estádios para os megaeventos esportivos visa a um público diferente daquele que o experimenta com frequência, o que parece necessário problematizar a validade das novas arenas, uma vez que atende ao interesse sazonal de um evento e de um público que não experimenta com frequência aquele espaço.

⁶ O Estatuto do Torcedor foi modificado e sancionado pela Lei 12.299/2010, visando regular judicialmente as relações entre sujeitos e Estado no futebol. Planalto. 2010. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm. Há uma bibliografia vasta sobre a temática que converge para o fortalecimento de sua implementação principalmente após 2013, período anterior a Copa do Mundo no Brasil em 2014.

⁷ Para mais informações a respeito da experiência da Arena da Baixada, conferir Drula (2015).

A conversão das praças desportivas de massas – que chegaram a ser ocupadas aproximadamente por cem a cento e cinquenta mil pessoas – em arenas privadas de médio e de pequeno porte, por meio de reformas ou de construção de novos espaços, ensejou críticas dos torcedores, dos meios de comunicação e dos movimentos sociais.

Essas críticas têm sido vocalizadas por coletivos de torcedores e, principalmente, pelas tradicionais torcidas organizadas de futebol, capitaneadas pela Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg). Raramente, no entanto, essas críticas encontram eco nos meios de comunicação de massa ou são contempladas no momento de elaboração de leis e políticas públicas para o futebol. Afinal, elas são realizadas num espaço assimétrico de poder, onde os torcedores têm pouca voz e influência (Lopes 2013 apud Hollanda e Lopes 2018a, 162)⁸.

As maiores cidades do país passaram por esse processo em que os estádios públicos construídos desde meados do século XX, como o Castelão em Fortaleza, a Fonte Nova em Salvador e o Maracanã no Rio de Janeiro, bem como seus usos, sociabilidades e a lógica do torcer, foram afetados pela reestruturação em arenas no século XXI.

Além da iniciativa particular de clubes como Grêmio e Palmeiras, 12 arenas foram construídas ou reformadas para atender às exigências da instituição organizadora do evento, a Fédération Internationale de Football Association (Fifa). A fim de ampliar suas receitas e não ficar para trás de seus rivais, estádios ligados a clubes que ficaram de fora do Mundial também decidiram construir novas arenas em atendimento ao paradigma arquitetônico do chamado padrão Fifa. (Hollanda e Lopes 2018b, 207).

Contudo, na categoria “futebol moderno”, a arenização consiste em um dentre outros elementos nessa ruptura de temporalidades, a partir da qual se combatem as transformações recentes da modernização e reivindica-se o *status quo* da temporalidade anterior a moderna: um período caracterizado, de um lado, pela liberdade do torcer em que se fazia uso dos fogos de artifício, sinalizadores, bambus; de outro lado, a garantia de setores mais baratos – como as gerais – que possibilitam aos pobres a participação no futebol. De acordo com Hollanda e Lopes (2018a, 166):

A partir dessas respostas, podemos extrair duas macro-proposições semânticas (Van Dijk 2003), que representam seus temas principais, a saber: 1) o “futebol moderno” refere-se à mercantilização e elitização do futebol e 2) o “futebol moderno” diz respeito ao fim de uma tradição popular de torcer coletivamente nos estádios. Enquanto esta última macro-proposição pressupõe uma avaliação negativa do encolhimento do espaço público de direitos dos torcedores, a primeira pressupõe uma avaliação negativa do alargamento do espaço privado dos interesses do mercado dentro do universo do futebol. Em outras palavras: a categoria “futebol moderno” manifesta, mais ou menos diretamente, uma crítica aos princípios neoliberais que regem, desde a década de 1990, a organização do futebol profissional (Proni 1998).

⁸ Hollanda (2018a) aponta o crescimento do interesse sobre o tema pelos pesquisadores, tanto de investigações de pesquisas históricas como no campo da comunicação. Dessa forma, o autor vai além e aprofunda ao analisar os discursos contrários ao “futebol moderno”, compreendendo os sentidos e a ideologia nessa relação, sobretudo a partir das contribuições da hermenêutica da profundidade de Paul Ricoeur.

Nota-se então que a categoria moderna é uma construção realizada pelos torcedores que não necessariamente se relacionam à elaborações teóricas modernas e pós-modernas. As interpretações, os usos e as apropriações sobre o que se denomina “futebol moderno” são múltiplas.

De Torcedor a Consumidor: um caminho sem volta?

A partir desse momento, lançaremos luz sobre os desdobramentos do processo de mercantilização e de arenização especificamente na cidade de Fortaleza. Para isso, tomamos como ponto de partida a atuação da imprensa esportiva em uma série de seis reportagens publicadas pelo jornal *Diário do Nordeste* entre agosto e setembro de 2013. Este período adquire uma dimensão simbólica particular porque se dá em um momento anterior a Copa do Mundo de 2014. Vejamos como o periódico procurou retratar a partir da imagem abaixo:



Fig.1: Jornal Diário do Nordeste (29 de setembro de 2013, s/p.). “Capas das seis reportagens da série ‘De torcedor a consumidor’”.

A imagem contém as capas das seis reportagens publicadas pelo jornal *Diário do Nordeste*, que direta e indiretamente abrangem os impactos da modernização e da Arena Castelão. Contudo, é importante problematizar as notícias na medida em que a imprensa ocupa um determinado lugar social e impõe um olhar ao pesquisador que não seja atravessado pela ingenuidade. Como vimos, a terminologia arenização expressa um dos efeitos da nova economia do futebol, caracterizada sobretudo pela hipermercantilização, circuito da mercadoria e do lucro nos espaços futebolísticos.

Esses novos objetos geográficos trazem não apenas uma arquitetura pujante e monumental, alvo de ufanismo e novo cartão postal para o citymarketing em nossas metrópoles. Trazem em si novos conteúdos da urbanização, ao propor e impor suas novas formas de experimentar a vida pública. Num trabalho genuinamente antisséptico, busca se afastar dos estádios indícios de uma “cultura do futebol” fermentada no Brasil ao longo de pelo menos quatro décadas. Essa forma de torcer,

produtora de gestos considerados agressivos e imprevisíveis, não interessa à moderna indústria do espetáculo esportivo. Essa prefere um consumidor sóbrio. Ademais, um consumidor de maior poder aquisitivo, de forma que nossos novos estádios tendem a expulsar o pobre e o torcedor apaixonado, categorias que muitas vezes se confundem no mesmo indivíduo, já que o “pertencimento clubístico” (Damo 1998) está enraizado na cultura popular urbana (Mascarenhas 2014, 32).

O geógrafo Gilmar Mascarenhas chama a atenção sobre, para além da monumentalidade das novas arenas, o caráter das novas formas de experimentar a vida pública diante dos ‘novos conteúdos da urbanização’, que, ao privatizar espaços, procuram comprimir as sociabilidades em lugares públicos. Vejamos como Régis Alves Pires⁹, componente da Torcida Organizada Cearamor (TOC)¹⁰, narra esse processo:

A gente entende que o futebol moderno acaba fazendo com que vá descaracterizar o jeito de ser da torcida organizada, com a ocupação do território do componente de torcida organizada, que é o território onde ele vai precisar estar em pé os 90 minutos para poder vibrar, pular e apoiar seu clube em busca de uma vitória, em busca da conquista de uma competição importante para eles. E o futebol moderno ele acaba chegando com a narrativa de modificar esse cenário, e até mesmo excluir esse torcedor organizado que, muitas vezes, não está ali para consumir o que o futebol moderno tem para vender. Somos cientes que muitos componentes de torcida organizada o objetivo dele é ir ao estádio para apoiar o clube, e não consumir o que está no contexto dentro das arenas. Porque muda até mesmo a questão de estádio de futebol para arenas esportivas. Então a Cearamor, hoje, ela vem buscando combater essa chegada do conceito de futebol moderno no futebol cearense. E gera choque, né, até porque nas últimas partidas a gente percebe a fragmentação do estádio, onde o torcedor é impedido de ter acesso a todo o espaço geográfico da arena esportiva. Agora o estádio é dividido por setores e isso é um fragmento do futebol moderno (Pires 2020, entrevista realizada em Fortaleza).

Há, portanto, um descompasso entre as práticas elaboradas pelas torcidas e a ausência de interlocução e de representatividade dessas demandas no processo de arenização. Tal descompasso é apreendido pelas reportagens do jornal *Diário do Nordeste*. As reportagens buscam dar conta de uma mudança no público e suas experiências a partir da Arena Castelão, na cidade de Fortaleza. Essa mutação foi definida pela imprensa com o título da série, “De torcedor a consumidor”, buscando retratar essa transição em que, segundo o periódico, afeta o torcedor. As motivações que moviam antigamente os torcedores para o estádio eram apenas pela paixão e, no século XXI, o torcedor passa a agir guiado pela razão, podendo exigir o mínimo direito de um consumidor comum.

⁹ Régis Alves Pires tem 42 anos de idade e atua como professor da rede pública municipal de Itapipoca, município distante aproximadamente 135 quilômetros de Fortaleza. Nascido na capital cearense, Régis atualmente também é coordenador estadual de formação política do Movimento Negro Unificado e diretor da Associação Nacional de Torcidas Organizadas (Anatorg). Participou do Intercâmbio realizado na Alemanha através do projeto da Secretaria de Juventude da Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, que promoveu a troca de experiências entre torcedores organizados de vários estados do Brasil em algumas cidades da Alemanha. Fortaleza. 2014. <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/jovens-de-torcidas-organizadas-participam-de-intercambio-na-alemanha>.

¹⁰ A Torcida Organizada Cearamor (TOC) é a principal torcida organizada do Ceará Sporting Clube (CSC), fundada em 1982.

O discurso narrado pelo depoente Régis Lopes contribui para pensar os elementos simbólicos do reordenamento provocado pelas arenas multiuso. Para ele, o torcedor organizado, ao preferir apoiar, vibrar e pular pelo seu clube a consumir os produtos vendidos pelo futebol moderno, não se torna o público alvo das arenas multiuso. Dessa forma, Lopes enfatiza que o isolamento e setorização de cada parte do estádio impedem os torcedores de experimentar diferentes possibilidades, tal como ocorria outrora.

Nesse intercurso, o jornal procura divulgar o modo como foram afastados indícios de uma cultura do torcedor construída há pelos menos três décadas no Estado do Ceará, que, ao produzir gestos agressivos e imprevisíveis, precisam ser modulados pelos interesses gestados pela nova economia do futebol, que elabora um enquadramento moral por meio de um padrão de comportamento ideal. Consequentemente, um público com maior poder aquisitivo tende a ser mais valorizado para consumir a oferta das demandas das arenas multiuso.

Diante disso, durante seis domingos sucessivos, o periódico publicou as reportagens em que apreende as continuidades e as rupturas da cultura do torcedor. Nesse sentido, a imprensa esportiva do jornal constatou um “novo jeito de torcer” a partir de várias transformações nas experiências dos torcedores, abordando temáticas que atravessam a elitização, o aumento dos preços, o conforto das arenas, o programa de fidelidade dos sócios torcedores, a situação dos clubes menores e a continuidade no uso do rádio.

E é pensando nessa nova condição, que o *Diário do Nordeste* vai abordar, nos próximos domingos, os temas concernentes ao novo jeito de torcer. Qual o perfil desse consumidor no Século 21? Mudou o relacionamento com sua paixão? Que desafios podem ainda surgir para os homens de *marketing* dos clubes cearenses? As respostas, não temos a pretensão de responder. Mas a discussão se faz urgente para que o futebol local não perca a passada. (Jornal *Diário do Nordeste*, 24 de agosto de 2013, s/p.)

O consumidor dos estádios no século XXI consiste em uma condição resultada das mudanças implementadas com a hipermercantilização do futebol. Tal condição foi analisada pela imprensa esportiva local nas seis reportagens, nas quais há uma estrutura padrão da maneira como os editores construíram o texto, com o recurso de casos empíricos associados à temática para embasar os argumentos.

Um exemplo ímpar dessas reportagens se trata da quarta edição publicada pelo jornal *Diário do Nordeste* no dia 14 de setembro de 2014, intitulada “Conforto para poucos”. Assinada por Ilo Santiago Júnior e Eduardo Buchholz, a reportagem explora a transformação dos estádios em arena e as implicações às custas do conforto, especificamente o caso do Castelão, em Fortaleza:

O futebol pentacampeão mundial passa por uma crise de identidade. Ao longo de décadas de profissionalismo claudicante, o País tenta reinventar sua maneira de gerir o esporte e está diante de um fenômeno que intriga especialistas e entusiastas: até que ponto as arenas irão elitizar o futebol

brasileiro?

A recente pauta, motivada pela realização da Copa das Confederações e pela iminência da Copa do Mundo, vem gerado muitos e calorosos debates. (Jornal Diário do Nordeste, 14 de setembro de 2013, s/p.)

Os desdobramentos da arenização, em 2013, eram incertos, contudo já se relativizava o impacto das arenas multiuso como um elemento provisório ou permanente da cultura do torcedor. Atualmente, após a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, os torcedores ressignificaram os espaços da arena e resistem ao padrão de comportamento FIFA, especialmente as torcidas organizadas que mantêm sua atuação e, em alguns casos, levantam o debate sobre a retirada das cadeiras das arenas no seu espaço. Por conseguinte, a edição do *Diário do Nordeste* retrata o caso da Arena Castelão a partir de uma imagem que evidencia o estádio em diferentes contextos, desde a sua fundação em 1973 ainda com o setor da geral, até a nova arena em que o espaço mais próximo do campo consiste no setor mais caro, a arquibancada inferior.

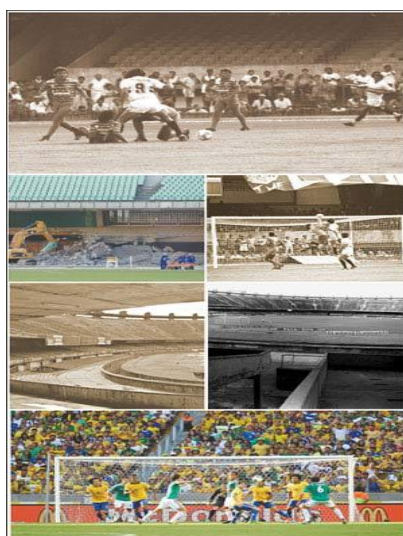


Fig.2: Jornal Diário do Nordeste (14 de setembro de 2013). “Geral do Estádio Castelão e Setor inferior da Arena Castelão”. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/conforto-para-poucos-1.432148>

Em tal caso, na primeira foto das imagens, em um jogo entre Fortaleza e Ferroviário, é possível visualizar os torcedores na geral ao fundo, nivelados e próximos ao campo de jogo, pagando mais barato pelo ingresso. O jornal atribui o nome a esses torcedores da geral de “Geraldino”. Na última imagem, em um jogo da seleção brasileira, apreendem-se os torcedores também próximos ao campo do jogo, a maioria deles sentados em um dos setores mais caros da nova arena. As imagens do meio retratam o Castelão antes das reformas e também a demolição da geral nas obras.

Ele [o Geraldino] ficava nivelado ao campo de jogo. Algumas vezes, era alvo de objetos jogados das arquibancadas em direção ao gramado. Um dos lugares preferidos desse perfil de torcedor, praticamente extinto no futebol cearense, era o local reservado atrás dos gols, de onde era possível

“cornetar” os defensores do time adversário. A última reforma e ampliação que transformou o estádio em arena eliminou o espaço outrora destinado para as camadas mais populares frequentadoras do Castelão. Sem conforto algum, visão limitada e o inconveniente de ser atingido na cabeça por algum objeto indesejável lançado das arquibancadas. Por que, apesar de todas essas desvantagens, a extinta geral do Castelão raramente não ficava cheia? Era barato. (Jornal Diário do Nordeste, 14 de setembro de 2013, s/p.)

A geral – hoje extinta – tinha uma função social importante para aqueles torcedores que não podiam pagar o preço dos setores mais caros. Em contrapartida, nas novas arenas, em diversos jogos os setores mais próximos do campo permanecem vazios, podendo ser utilizado enquanto espaços com preços promocionais. A transformação que redefiniu os antigos estádios públicos, com ampla capacidade de público, para as novas arenas multiuso com capacidade reduzida, mas que oferece conforto, serviços e recursos para o consumo impõe também os assentos individuais e o controle panóptico com as câmeras de vigilância dos torcedores. As experiências propagadas no interior das arenas impactam, sobretudo, as atividades do entorno do estádio, onde vários trabalhadores vivem da renda de suas atividades, que expressam elementos da cultura popular na bebida, na comida e nas sociabilidades.

O potencial das torcidas nas novas arenas, com a redução do público, é um efeito quanto à quantidade de torcedores no público dos estádios. Se a segunda metade do século XX registrou públicos entre cem e cento e cinquenta mil torcedores, atualmente a capacidade da Arena Castelão é de aproximadamente sessenta mil torcedores. Guazzelli (2010), ao analisar a potência das multidões nos estádios durante o período da ditadura civil-militar, aponta para a dimensão simbólica e material do episódio acontecido no Estádio Beira-Rio em 1972 com 110 mil pessoas presentes, em que houve a queimada de bandeiras nacionais e vaia para o hino da seleção brasileira. As motivações para o descontentamento estariam relacionadas ao forte espírito regionalista, insatisfação esta em decorrência da não convocação de jogadores gaúchos para a Seleção Brasileira. Dessa forma, é notório o potencial político do estádio de massas para confrontar, por exemplo, o regime ditatorial do período.

As ondas que (se) movem (n) o mar das torcidas: a emergência das torcidas antifascistas

Para representar as configurações das torcidas em distintos contextos, utilizamos o recurso da metáfora das *ondas do mar das torcidas* em que cada modelo coletivo do torcer corresponde a um movimento de onda. Nesse sentido, as quatro ondas expressam as formas organizadas das torcidas entre 1950 e 2020. A terminologia do movimento das ondas, ao realizar um mapeamento das sutilezas dos modelos coletivos do torcer, não implica em entendê-las separadas e rigidamente, sem

reminiscências e aproximações entre os contextos, pois há um substrato que transita entre as ondas do torcer¹¹. Assim, exerce uma função nevrálgica para a compreensão dos movimentos, rupturas, continuidades e residualidades na história das torcidas no Estado do Ceará, mas que também permite ser estendido a fim de lançar luz também em um cenário nacional, ressaltando as particularidades de cada espaço.

A primeira onda se refere à constituição das torcidas comandadas pelo *chefe de torcida* e suas charangas entre 1950 e 1970. Por meio da uniformização dos integrantes da charanga e de uma sociabilidade festiva elaborada com os instrumentos de sopro e de percussão, *os chefes de torcida* promoveram seus clubes e a popularização dos estádios. No Estado do Ceará, a charanga do Gumerindo, o Pedrão da Bananada e o Zé Limeira centralizaram a organização coletiva dos torcedores nesse período, ocupando espaços da imprensa nos jornais e nas emissoras de rádio. Reconhecidos como torcedor autêntico, símbolo e popular, eles atuaram vinculados com a diretoria do clube em um momento em que os estádios se popularizavam. Dessa forma, ao mobilizar as torcidas, *os chefes de torcida* funcionavam como dispositivos de controle no monitoramento das massas que ocupavam os estádios.

O movimento da segunda onda se consolidou nos anos 1980 com a multiplicação de torcidas organizadas jovens¹², que se estruturavam muito além do espaço-tempo do jogo a partir das estratégias coletivas tomadas por suas diretorias, com cargos e funções específicas na torcida. Essas instituições expressavam uma disputa pela liderança das torcidas ainda no final da década de 1970, em que jovens se articulavam coletivamente no futebol. Assim, as torcidas organizadas mobilizaram multidões nos estádios ao promover espetáculos na arquibancada. No Estado do Ceará, os anos 1990 evidenciaram um momento de inflexão das torcidas organizadas na proporção em que as rivalidades territoriais entre bairros, paralelamente aos *bailes funks* e à sociabilidade conflitiva, passaram a esquadriñar o espaço urbano de Fortaleza, reconfiguração que definimos como as Fortalezas das Torcidas Organizadas.

Isto posto, a terceira e a quarta ondas são movimentos na história das associações coletivas do torcer conformados no limiar do século XXI, no momento de formulação de *torcidas alternativas* às torcidas organizadas, mas que nesse reordenamento há uma diversidade considerável de

¹¹ A metáfora dos movimentos de ondas na história do mar das torcidas, que funciona como um guia que sumariza as partes do texto, foi nuançada em outro trabalho. Para maiores informações, conferir Pinheiro (2020), estudo que desenvolve uma história social dos modelos coletivos do torcer e uma memória histórica do antifascismo nas torcidas entre 1950 e 2020 no Estado do Ceará.

¹² São inúmeros os trabalhos que abordaram os jovens e a juventude. Neste artigo procuramos nos distanciar da tentativa de estabelecer um pensamento genérico sobre a cultura juvenil, uma vez que, ao estruturar mais uma abordagem sobre a juventude, a compreendemos ao mesmo tempo enquanto uma condição social e uma representação.

expressões do torcer. A terceira onda traz à tona as formas coletivas de torcer que insurgem como contraponto às torcidas organizadas ou como rachaduras no interior destas, que, em outras regiões do Brasil, formaram-se desde os anos 1960 e, em particular no Estado do Ceará, nos anos 1980. No movimento de terceira onda, os novos agrupamentos torcedores ora se distanciam ora se aproximam das torcidas organizadas, mas se ergueram sob influências diversas: seja das *barras bravas* argentinas (casos da Geral do Grêmio, Guarda Popular do Internacional, Loucos pelo Botafogo, Bravo 52 do Fluminense, Bravo 18 do Fortaleza), seja elencando a violência como o elemento rechaçado, seja sob a forma de um movimento cultural (como Cangaceiros Alvinegros e Setor Alvinegro do Ceará). Cada um destes aspectos, a depender da localidade, motivou a inauguração de novas formações coletivas do torcer.

Tratava-se de uma alternativa em que a solução seria romper, mesmo que parcialmente, com as torcidas organizadas, e fundar outros grupos coletivos do torcer que se caracterizassem pela crítica à violência e, simultaneamente, instituíssem novas práticas que variavam da estética à performance. Não há dúvidas de que esse processo adquiriu particularidades em cada região do Brasil, no qual diversos elementos compõem o quadro geral dessas transformações.

Nesse seguimento, a quarta onda emerge enquanto uma crítica mais radical às torcidas organizadas, que tem origem em um processo de politização exterior ao futebol, sob o viés da esquerda política, que constituiu uma rede de torcida antifascistas. Esse novo modelo coletivo do torcer combate não só a violência nos estádios, mas também o fascismo, o machismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia e a modernização do futebol, refletida anteriormente neste artigo. Assim, essa resposta ao colapsamento parcial das torcidas organizadas, por meio da perspectiva antifascista, foi antecipada pela Ultras Resistência Coral, que redimensiona aspectos historicamente constituídos no futebol ao tensionar a cisheteronormatividade desses espaços.

A emergência da torcida Ultras Resistência Coral se relaciona, de um lado, enquanto um desdobramento da crítica ao modelo protagonizado pelas torcidas organizadas e dos sintomas de crise e esgotamento deste modelo nos anos 2000, somado às transformações mais amplas organizacionais, culturais, sociais advindos da hipermercantilização e da modernização do futebol. Por outro lado, consiste em uma proposta advinda da experiência de um grupo de jovens que procuram resgatar a origem de classe do clube, Ferroviário, e se posicionar politicamente nos espaços do futebol.

Dessa maneira, ao longo da primeira década do século XXI, a Ultras Resistência Coral se apropriou da campanha “Contra o Futebol Moderno”, opondo-se à hipermercantilização do capital no futebol desde a sua criação, em 2005. Uma das singularidades da apropriação da categoria

“futebol moderno” no Brasil se refere à antecipação que a URC promoveu da crítica à arenização dos estádios. Se as torcidas organizadas tradicionais deram força só recentemente ao movimento contra as reformas dos estádios, a URC se posicionava radicalmente contra os impactos da intensa apropriação do futebol pelo capital desde a sua fundação. Por ter sido pioneira em uma determinada politização do torcer, consideramos que a URC funciona como um híbrido ao simbolizar as torcidas antifascistas e, concomitantemente, partilhar de elementos da atuação no estádio de torcidas organizadas, como faixas, bandeiras, cânticos, etc.

Partilhando de uma *memória subversiva* – acionada e reatualizada no tempo presente - da fundação do clube por trabalhadores, o Ferroviário Atlético Clube (FAC), a URC contrapõe-se à produção das arenas multiuso e do torcedor-consumidor. Apropriação semelhante também se dá nos sentidos e nos valores atribuídos pelos torcedores do Juventus de São Paulo, particularmente pela *barra* Setor 2, uma das primeiras barras brasileiras que têm como lema *ódio eterno ao futebol moderno*. De acordo com Hollanda e Lopes (2018b, 223):

A atitude contestadora do Setor 2 também é manifestada no conteúdo de suas faixas e de seus cantos, que costuma exaltar o orgulho das origens operárias do Juventus. “Mooca, Mooca, Mooca. Esse é o bairro que vou morrer. Na Javari, vamos meu Juventus. Não podemos perder, temos que ganhar. Essa é a família que vem te alentar, esta a todo lado pra te ver jogar. O sangue operário nunca irá secar, a resistência não desistirá!”

Nessa perspectiva, é relevante ressaltar o papel histórico que a URC teve, tendo em vista o lugar social experimentado pela torcida, uma vez que a antecipação da crítica à arenização parte de uma região do Nordeste que não é o centro dos principais clubes do Brasil, e da torcida de um time, o Ferroviário, que não ocupa a centralidade econômica no Estado do Ceará.

Em contrapartida, especificamente no caso da URC, a mobilização “Contra o futebol moderno” se trata de uma dentre várias demandas que constituem o projeto político de esquerda da torcida. Dessa forma, diferentemente de outras associações torcedoras – entre elas as torcidas organizadas – a URC se contrapõe ao futebol moderno não para um retorno e uma volta ao que se colocava anteriormente (um futebol pré-moderno?), mas sim para erigir um novo futebol e um novo torcer insurgentes. Portanto, a construção desse “novo” consiste em uma mudança radical para que os espaços tradicionalmente machistas, homofóbicos e racistas sejam superados por meio de uma sublevação contra a ordem estabelecida. Esse processo se insere nos novos estudos assim captados pelo antropólogo Arlei Damo (2019, 53-54):

Essas pesquisas trazem um aporte teórico do campo dos estudos de gênero, sobretudo, e tem oxigenado a compreensão dos fenômenos futebolísticos no seu conjunto. Um outro grupo, que está chegando ao campo, é caracterizado por jovens envolvidos com militância política entre grupos organizados. São grupos ainda em fase de consolidação, implicados com o clubismo e a

experimentação das emoções estéticas características desse meio, mas igualmente preocupados em combater as diferentes faces do sexismo e da xenofobia.

Para compreender as identidades forjadas não só pelas URC, mas pelas torcidas antifascistas em geral, delineamos o conceito de *insurreição clubística*, que lança luz sobre como esses sujeitos se engajam emocionalmente com o clube ao politizar e desnaturalizar determinados elementos do futebol. Trata-se de um neologismo que consiste em uma chave interpretativa para o entendimento das torcidas antifascistas, assentada no acionamento de uma *memória subversiva* advinda da tradição operária do clube ou da militância política de esquerda dos integrantes. A categoria *insurreição clubística* procura dar conta dos significados levados a cabo pela URC na subversão contra as práticas instituídas historicamente nos espaços futebolísticos que os caracterizam enquanto violento, racista, machista e homofóbico.

Portanto, a *insurreição clubística* traz à tona o fazer-se, as práticas, os saberes, as ações, as reações e o agenciamento tecidos na realidade social pelas torcidas antifascistas. O desdobramento da categoria *insurreição clubística*, ao fim e ao cabo, estende-se para um emaranhamento e uma rede de coletivos antifascistas transnacionais, articulados em torno de um projeto que procura ressignificar o futebol por meio de um contraponto – sob o ponto de vista político de esquerda - ao modo como os modelos coletivos do torcer significavam e valoravam suas experiências.

O direito à cidade: os impactos da *arenização* e a referência cultural dos estádios de massa

Em que pesem os substratos compartilhados e transmitidos entre os quatro movimentos de onda na história do torcer, as narrativas dos membros da Ultras Resistência Coral externam o modo como esses sujeitos demarcam os valores das transformações no futebol, adotadas geralmente sem a interlocução dos torcedores. Nesse sentido, argumentamos que o projeto e a ação política da torcida vão de encontro não apenas à modernização e à mercantilização do futebol, mas também a outras formas de dominação instituídas no futebol.

As narrativas dissecadas nesse artigo foram tomadas tanto a partir de entrevistas produzidas na metodologia da História Oral e de textos de formulário eletrônico, preenchidos por meio da plataforma *Google Forms*. A interdependência entre teoria, prática e metodologia impossibilita classificar a História Oral apenas como uma prática e uma técnica, que a compreende enquanto experiências relacionadas apenas à gravação de depoimentos, transcrição de entrevistas, aparelhagem de sons a fim de constituição de acervos orais. Segundo Ferreira (2012, 171)

O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos,

como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezada, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos.

Ao adquirir centralidade nesta pesquisa, a fonte oral nos desloca para a reflexão em torno da instância da memória, que acarreta desdobramentos teórico-metodológicos sobre a narrativa e a forma de construção do discurso, tendo em vista que, de acordo com Alessandro Portelli (2013), fontes orais são fontes narrativas. Nessa perspectiva, a análise das visões de mundo de determinados grupos sociais, por meio das memórias que espelham representações, não se torna inviável e desqualificada por possíveis distorções dos depoimentos, falta de veracidade, esquecimentos e silenciamentos, mas uma fonte adicional para a pesquisa.

Uma das implicações dessa apropriação consiste em que não nos direcionamos a uma militância pela memória, que se sacraliza ou se banaliza, mas sim a necessidade de pensar em um trabalho sobre a memória. Vale ratificar, portanto, que não entendemos as fontes orais como um complemento, ou a utilizamos como um recurso para preencher lacunas, mas pela própria especificidade do objeto de pesquisa em questão. Pelo contrário, as entrevistas, como quaisquer outras fontes históricas, são documentos importantes e subjetivos que necessitam ser questionados a fim de evitar a monumentalização da memória a partir da problematização dos mitos de origens das torcidas pesquisadas. De acordo com Ferreira (2001, 324) “as possíveis distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa”.

Assim, quando os integrantes da URC narram sobre a conjuntura do futebol e das torcidas atualmente, questionam elementos como a arenização e as restrições à liberdade do torcer constituintes do “futebol moderno”, mas também levantam-se contra a homofobia, o racismo e o machismo, acionando uma consciência interseccional entre raça, classe e gênero.

Os relatos da tabela foram obtidos através de formulário e mantidos conforme o preenchimento, sem interferência do pesquisador no texto, a fim de que a análise do discurso mantivesse o original escrito pelos sujeitos da URC. Ao analisar o discurso de torcedores acerca da categoria “futebol moderno”, Bernardo Hollanda e Felipe Lopes (2018b, 163) aprofundam o debate a partir do conceito de ideologia para enfatizar as relações assimétricas de poder em que são produzidas as críticas ao futebol moderno:

Isto é, para o autor, uma situação pode ser descrita como de dominação “(...) quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo,

permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito”.

Nome	1) Razões para integrar a URC / 2) Significado da torcida
E¹³	1) A motivação maior foi pela bandeira levantada da torcida contra o futebol moderno e suas lutas ideológicas (contra o racismo, contra o machismo, contra os fascistas, a favor classe operária etc). 2) A luta dentro e fora de campo em prol do Ferroviário e da classe trabalhadora!
F¹⁴	1) O futebol cada vez mais tá no ramo do negócio (business), onde os interesses financeiros falam mais alto do que os interesses do torcedor, que se quiser acompanhar o seu time do coração no estádio tem que pagar caro no ingresso e ficar refém do horário da televisão, que hoje em dia fornece uma boa quantidade de verba pros clubes de séries maiores (elite do futebol)”. 2) Reconexão ao futebol local e potencialização de forças micropolíticas de resistência aos modos fascistas de viver no futebol e a partir do futebol.
P¹⁵	1) Ao frequentar os estádios sempre me chamava a atenção o material utilizado pela torcida, principalmente as faixas com conteúdos anti-homofóbico, anti-machista entre outras. Por haver afinidade com essa linha de pensamento (embora não tenha formação política ou estudos na área), pesquisei um blog da torcida em que continha o seu manifesto, o que me levou a essa aproximação. 2) Um movimento que representa, de fato, uma resistência de pensamento e representatividade das ditas minorias da população brasileira que utiliza como linguagem um esporte, como seus torcedores, popular
L¹⁶	1) Por ser uma torcida antifascista. Creio que o futebol também é um espaço de disputa política (em todas suas esferas). 2) Significa uma torcida necessária. Muito bom saber que até mesmo torcedo pro meu time eu posso fazer política. No meu caso, a Ultra Resistência Coral significou a minha inserção nos estádios e no saber torcer por um time.
H¹⁷	1) Os princípios da torcida, como o antifascismo, a luta contra o racismo e homofobia nos estádios, o time de origem operária, a luta contra a mercantilização do futebol. 2) Um polo importante na luta contra o capitalismo. Um exemplo de torcida organizada baseada em ideais solidários, que cumpre papel relevante na história do futebol brasileiro pelo pioneirismo e posicionamentos acertados ao longo de sua história.
O¹⁸	1) Na época compartilhávamos dos mesmos ideais e a torcida trazia em seu manifesto as bandeiras sociais. 2) A URC foi como uma espécie de laboratório social. Dela extraímos muitos ganhos dentre eles fazer ressurgir a história operária do nosso clube que por muitos havia sido esquecida, foi assim também que a nova geração de torcedores do Ferroviário ficou conhecendo a história do clube. Fomos precursores no país de um movimento que cresceu exponencialmente nos últimos anos e que pode trazer muitos frutos ainda.
K¹⁹	1) A URC sempre atuava nos estádios com alegria com cânticos e faixas diferenciadas, das demais torcidas que eram preconceituosas em sua maneira de ser. 2) Uma voz nos estádios que defende o anti-facismo. Que o Estado rege em cima do trabalhador que muitas das vezes não tem se quer condições de ir aos jogos.
Gs²⁰	1) Achei muito interessante a proposta de torcer sem ofensas racistas, machistas e homofóbicas. 2) Uma torcida pioneira no Brasil, que serviu de inspiração para todas as outras torcidas <i>Antifa</i> . Um exemplo de ação e prática que une futebol e política
RJ²¹	1) Minha identificação ideológica por ser antifascista, anti racista e por discernir a mensagem pelos estádios e também por ser a precursora na questão. 2) A Resistência pra mim é uma reunião de amigos que pelo ideológica em comum ou semelhante resolveram apoiar o Ferroviário o time do proletariado

¹³ E é professor, nasceu no dia 12 de agosto de 1978 e é militante a favor da educação pública, gratuita e de qualidade.

¹⁴ F é professor universitário, nasceu no dia 07 de maio de 1982 e, quando interrogado se é filiado a alguma partido político, respondeu: Sou militante do campo dos direitos humanos, mas minha atuação se dá por meio da atividade acadêmica, em parceria com coletivos periféricos que produzem resistência ao extermínio das populações negras e periféricas pautando temas como arte, cultura, direito à cidade, segurança pública e educação. Não sou filiado a partido político, embora não tenha objeção a essa via de atuação política.

¹⁵ P é professor do ensino superior, nasceu no dia 03 de fevereiro de 1981 e não é filiado a nenhum partido político.

¹⁶ L é professor de história do ensino básico, nasceu no dia 05 de dezembro de 1990 e é filiado ao PSOL desde 2017.

¹⁷ H é professor, nasceu no dia 24 de janeiro de 1986 e é filiado ao PSTU desde 2005.

¹⁸ O é recepcionista, nasceu no dia 01 de novembro de 1983 e atualmente não é filiado a nenhum partido político.

¹⁹ K é motorista, nasceu no dia 03 de abril de 1986 e foi filiado por muitos anos ao PSTU.

²⁰ Gs é servidor público federal, nasceu no dia 01 de julho de 1986 e compõe a Frente *Antifa* Limoeiro.

²¹ RJ é vendedor, nasceu no dia 11 de julho de 1982 e atualmente não é filiado a nenhum partido, atuando sobretudo em coletivos de cultura a partir do rock.

R ²²	1) Pelo diferencial da torcida, devido ao seu cunho político, o combate ao racismo, à homofobia. 2) Uma torcida diferenciada, onde me sinto bem.
-----------------	---

Fig.3: Elaboração do autor (2020). Narrativas do formulário online *Google Forms*.

Nos discursos dos torcedores que compõem e simpatizam com a URC, em três deles há a menção contrária ao futebol moderno, mercantilização ou seus desdobramentos como razões para terem ingressado na torcida. Outros seis discursos lançam luz para questões politicamente mais amplas: o futebol enquanto espaço de disputa política, o time de origem operária, o antifascismo, antirracismo, antimachismo e anti-homofobia.

Dessa forma, apreende-se, diante das narrativas, como os membros da URC entendem a necessidade de se posicionar politicamente contra as transformações do futebol que o inserem na égide do lucro e no circuito da mercadoria, atuando nessas relações sociais de dominação e de resistência. De acordo com as motivações elencadas, as narrativas trazem à tona, direta e indiretamente, o direito à cidade e à sua ocupação pelas minorias, discurso que vai de encontro à arenização e ao encarecimento dos ingressos:

Dentre vários caminhos, o direito à cidade pode ser tomado com a possibilidade concreta de tecer novas relações, construir utopias e propor novos arranjos socioespaciais, e, assim, instaurar novos usos da cidade. O direito à cidade como direito a usufruir das imensas possibilidades que o urbano oferece, para muito além da gama de bens e serviços formais e dos direitos de cidadania constituídos. Possibilidades de crescimento, de potencialização individual e coletiva (Mascarenhas 2014, 25).

Tomando a produção do espaço social urbano como resultado sempre inacabado do confronto dialético entre a lógica da propriedade e as táticas populares de apropriação, o geógrafo Gilmar Mascarenhas aponta a potência do espaço da cidade para a produção de novos usos, tecer novas relações, construir utopias e rearranjá-lo. É nesse sentido que Mascarenhas analisa o estádio de futebol enquanto microcosmo da reprodução social da cidade ao avaliar os efeitos da arenização sobre a “cultura do torcedor”.

Assim, no formulário, as respostas utilizam e se apropriam de mecanismos que criticam a nova economia do futebol, através da consciência de classe operária, das questões raciais e de gênero, compondo, portanto, um repertório amplo de ação política nos estádios. De todo modo, essas motivações adquirem um significado particular para esses sujeitos, uma vez que três deles enfatizam o pioneirismo da URC nesse modelo coletivo do torcer. Entretanto, se no Brasil as torcidas antifascistas se multiplicaram na segunda década do século XXI, esse movimento extrapolou o espaço nacional, tecendo um emaranhado de relações internacionais entre grupos intitulados *antifas*. Vejamos como a imagem abaixo dimensiona esse aspecto:

²² R é professora, nasceu no dia 07 de março de 1982 e é filiada ao PSOL desde 2015.



Fig.4: Facebook Ultras Resistência Coral (7 de agosto de 2019). “Rede de torcidas antifascistas na América Latina”. <https://www.facebook.com/ultrasresistencia coral/photos/a.471345462914324/2368937899821728/?type=3>. Acesso em: Maio de 2020.

Acerca dos significados da torcida, os discursos retratam a relevância que os componentes da URC atribuem para a luta dentro e fora de campo da classe trabalhadora; potencialização das forças micropolíticas aos modos fascistas de viver a representatividade das minorias; a satisfação em torcer e fazer política ao mesmo tempo; um polo importante na luta contra o capitalismo; a ressurreição da história operária do clube; uma voz antifascista contra a opressão do Estado no trabalhador. Dessa forma, as identidades forjadas pelos atores da URC giram em torno da politização do torcer e do acionamento de uma memória operária insurgente que tensionam os espaços do futebol. Assim, a variabilidade dos valores conforma um conjunto de práticas e de experiências que resistem à reconfiguração do torcedor modulado pelas arenas multiuso, que impõem uma nova territorialidade, caracterizada basicamente por:

- 1) limitação de acesso ao recinto, seja pela sensível redução da capacidade dos estádios, seja pelo encarecimento extremo dos ingressos ou, ainda, pelas restrições de portabilidade de inúmeros objetos e adereços, incluindo faixas e cartazes com conteúdo “político”. Em outras palavras, o cidadão está impedido de protestar nos estádios, seja contra a Federação, seja contra a CBF ou qualquer outra entidade a partir da qual ele se sinta lesado; 2) limitações severas de comportamento dentro do estádio, pela imposição de normas e vigilância onipresente por meio de câmeras filmadoras. Processo agudo de disciplinarização e constrangimento que estudamos anteriormente (Mascarenhas 2014, 32).

Compreender a memória e o modo como os componentes da Ultras Resistência Coral atuam no cotidiano, como produzem significados e como constroem um estilo de vida que os identifica na sociedade possibilita entender a situação em que o futebol se encontra, a reestruturação dos estádios em arenas que atende a um público específico e a demandas midiáticas imersas no fluxo do capital e dos altos investimentos.

Trata-se, pois, de uma reflexão sobre o modo como indivíduos-torcedores se relacionam no labirinto do tempo, onde se mistura passado-presente-futuro em uma insurgência contra o futebol moderno e a favor da popularização e democratização do esporte.

Considerações finais

Maio de 2020. Integrantes de torcidas organizadas e de torcidas antifascistas decidem ir às ruas para dizer não aos movimentos de grupos políticos pró-governo que ocuparam os espaços públicos durante aproximadamente oito semanas consecutivas. Tais disputas foram conformadas em meio às limitações da pandemia do novo *coronavírus* e do isolamento social, apesar de que naquele mês - auge da contaminação e do número de mortes - o Governo Federal do Brasil esteve sem um Ministro da Saúde, que deveria ser o vetor das respostas para a crise sanitária, mas acabou se tornando o estimulador desse cenário.

A expressão mais evidente destes grupos se materializou com a emergência do movimento denominado *300 do Brasil*, na ocupação da Praça dos Três Poderes em Brasília. Liderado por Sara Winter, o grupo atua por meio de marchas pela Esplanada com tochas, máscaras e roupas pretas, assumidamente a favor do uso de armas, do conservadorismo e das pautas defendidas pela extrema direita (Caldeira Neto 2020). Em contrapartida, as respostas à ocupação das ruas por esses movimentos, que paulatinamente fascistizam a sociedade brasileira, foram incentivadas por torcedores, tanto de torcidas organizadas como de torcidas antifascistas, que se mobilizaram para disputar o espaço público sob o movimento designado como *Somos Democracia* (Souza 2020).

À vista disso, foram examinados neste artigo os valores e os sentidos atribuídos por torcedores ao espaço ocupado nos estádios diante de um processo de reordenamento que implicou recentemente em novas arenas nas urbanidades. Estes lugares, para além de espaços concebidos como um recurso lucrativo, foram entendidos enquanto um lugar no tempo representativo de memórias e de identidades portadoras de experiências singulares, que não tiveram eco no processo de arenização adotado das últimas décadas no Brasil. Entendemos ainda que, dentre os caminhos interpretativos possíveis, tal reconfiguração assemelha-se a um sequestro dos estádios de massa, cuja dimensão simbólica foi ressignificada, senão em sua completude, mas em parte dos valores mais genuinamente partilhados naqueles antigos estádios públicos. Argumentamos, então, que as disputas em torno do direito ao estádio e à cidade não podem ser dissociadas, tendo em vista que ambas transitam as experiências dos torcedores, relação evidenciada nos recentes atos de rua das torcidas organizadas.

Em suma, ao questionar a referência cultural que os estádios adquiriram para torcedores, historicizamos os modelos coletivos do torcer através da metáfora dos movimentos de ondas. Conforme enfatiza Oliver Dumoulin (2017), este estudo se trata de um esforço que reafirma os aspectos éticos e políticos das narrativas e das formas de expressão do conhecimento, que partem de recortes do passado calcados nas demandas do presente que legitimam a atividade do historiador.

Nesse seguimento, avaliou-se a emergência das torcidas antifascistas de modo a investigar a politização dos espaços futebolísticos sob o ponto de vista da esquerda, que paulatinamente instituiu uma rede transnacional de solidariedade e de cooperação entre agrupamentos *antifas*. Delianecemos, pois, um ponto de contato entre a arenização e uma torcida antifascista que combate a modernização do futebol, embora estejamos cientes de que esta relação não se encerra com as questões introdutórias aqui pontuadas. Ao fim e ao cabo, a escrita da história sobre esses passados – e presentes – não consiste em uma atitude desinteressada, mas voltada ao futuro através das conexões com os passados vivos produtores – e produto – da memória.

Referências Bibliográficas

- Caldeira Neto, Odilon. “Neofascismo, “nova república” e a ascensão das direitas no Brasil”. *Conhecer: Debate Entre O Público E O Privado*, 10, n. 24 (2020): 120-140. <https://doi.org/10.32335/2238-0426.2020.10.24.2060>
- Critcher, Charles. “Football Since The War”. Em *Working Class Culture: Studies in history and theory*, org. John Clarke, Charles Critcher, Richard Johnson, 161-184, Hutchinson, 1979.
- Curi, Martin. “A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil”. *Horizontes Antropológicos*, 19, n. 40 (2013): 65-88. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000200003>
- Damo, Arlei Sander. “Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA*, 3 (2019): 37-66. <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.37-66>
- Damo, Arlei Sander. “Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- Damo, Arlei Sander. “Para o que der e Vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Futebol Porto Alegrense e seus torcedores”, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Porto Alegre, UFRGS, 1998.
- Damo, Arlei Sander.; Oliven, Ruben George, orgs. *Megaeventos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas: Autores Associados, 2014.
- Drula, Andréia Juliane. “O processo de transformação de um estádio para arena: o caso da Arena da Baixada”. Dissertação de mestrado, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2015.
- Dumoulin, Oliver. *O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
-

- Ferreira, Marieta de Moraes. “História oral: velhas questões, novos desafios”. Em *Novos domínios da história*, org. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- Ferreira, Marieta de Moraes, e Amado, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- Guazzelli, Cesar A. B. “Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil”. *Aurora (PUCSP. Online)*, v. 9 (2010): 84-103.
- Giulianotti, Richard. *Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- Harvey, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. “De ‘país do futebol’ a ‘país dos megaeventos’: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo”. *Recorde - Revista de História do Esporte*, v. 12 (2019): 1-27.
- Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. “Os usos da história oral no estudo do futebol: etapas metodológicas de uma experiência qualitativa de pesquisa com torcidas organizadas na cidade de São Paulo”. *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, v. 2 (2017): 187-201.
<https://doi.org/10.5212/PublicatioCi.Soc.v.25i2.0003>
- Jornal Diário do Nordeste*, 24 de agosto de 2013. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/popular-para-quem-1.406111>
- Jornal Diário do Nordeste*, 14 de setembro de 2013. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/conforto-para-poucos-1.432148>
- Lopes, Felipe, e Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. “Futebol moderno?: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística”. *REVISTA DE ESTUDIOS BRASILEÑOS*, v. 5 (2018a): 159-175. <https://doi.org/10.14201/reb2018510159175>
- Lopes, Felipe, e Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno?: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo”. *TEMPO (NITERÓI. ONLINE)*, v. 24 (2018b): 206-232.
- Mascarenhas, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. v. 1.
- Mascarenhas, Gilmar. “Não vai ter arena?: Futebol e Direito à Cidade”. *Advir (ASDUERJ)*, v. 32 (2014): 24-38.
- Meneses, Ulpiano Toledo Bezerra de. “O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas”. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, Ouro Preto/MG, 2009.
- Nogueira, Antonio Gilberto, e Ramos Filho, Vagner Silva. “Afinal, o que é patrimônio? Conceitos e suas trajetórias”. Em *Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio*, org. Raymundo Netto. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020.
- Numerato, Dino. “Who says “no to modern football?” Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism”. *Journal of Sport and Social Issues*, (2014): 1-19.
<https://doi.org/10.1177/0193723514530566>
- O Globo. 2020. “Marcha dos 300 de Sara Winter não tinha nem 30 em protesto contra STF”. <https://oglobo.globo.com/brasil/marcha-dos-300-de-sara-winter-nao-tinha-nem-30-em-protesto-contr-stf-24455292>, O Globo, 31 de maio de 2020, Brasil.
-

- Oliveira Júnior, Ricardo César Gadelha de. “A reviravolta dos “fanáticos”: arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional”. Tese de Doutorado, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- Pinheiro, Caio Lucas Morais. “As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista”. Tese de Doutorado, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.
- Pires, Régis Alves. 2020. Entrevistador: Caio Lucas Morais Pinheiro, Fortaleza, 26 março de 2020.
- Portelli, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral*. Lisboa: Edições Unipop, 2013.
- Proni, Marcelo Weishaupt. “Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa”. Tese de doutorado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- Santos, Irlan Simões da Cruz, e Helal, R. G. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. *Triade: comunicação, cultura e mídia*, v. 4 (2016): 53-69.
- Souza, Felipe. 2020. “Atos de torcidas contra Bolsonaro: o que levou as organizadas às ruas contra o presidente durante a pandemia”. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944>, BBC, 02 de junho de 2020, Geral.
- Taylor, Ian. “Football mad: A speculative sociology of soccer hooliganism”. Em *The sociology of sport: A selection of readings*, org. Eric Dunning, 134-164, London, England: Cass, 1971a.
- Taylor, Ian. “Soccer consciousness and soccer hooliganism”. Em *Images of deviance*, org. Stanley Cohen, 352-377, Harmondsworth, UK: Penguin, 1971b.
- Toledo, Luiz Henrique de. “Quase lá: a copa do mundo no itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40 (2013): 149-184. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000200006>
- Van Dijk, Teun. “La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato a favor de la diversidad”. Em *Métodos del análisis crítico del discurso*, org. Ruth Wodak, Michael Meyer, 143- 178, Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

Recebido: 30 de junho de 2020

Aprovado: 25 de agosto de 2020